

19.

Deriva metabólica

Ian Erickson-Kery

A pesquisa militante não opera a partir de um conjunto de saberes próprios sobre o mundo, nem sobre como deveriam ser as coisas. Muito pelo contrário, a única e difícil condição do militante-pesquisador é a de permanecer fiel ao seu “não-saber”. Neste sentido, é uma autêntica antipedagogia.

– Colectivo Situaciones¹

Escritos pioneiros e tardios sobre a determinação, sobre a necessidade como significante do poder, defendem o privilégio da mente no que diz respeito à autodeterminação. Em todos eles, no estágio da exterioridade, aquele ocupado pelo corpo e outras externalidades, a razão universal governa como necessitas; na forma de força e ordem, ela restringe, regula ou limita. Ela age como o poder externo (como lei ou forma) que cria e destrói as coisas do universo.

– Denise Ferreira da Silva²

Em 2016, o mundo virou um lugar mais estranho e mais perigoso. A fachada conciliatória e asséptica do capitalismo neoliberal entrou em colapso como de uma só vez. Dois anos depois, ainda estamos separando o entulho, a contemplar um espetáculo que o outrora insondável poder nos apresenta, muitas vezes impulsionado por forças reacionárias supostamente “populares”. É difícil fazer um diagnóstico da situação da imaginação radical, política e artística, em meio a tudo isso: anos de políticas de austeridade renderam tanto fadiga quanto novas formas de protesto, e os espaços onde tal imaginação é cultivada estão simultaneamente sob ataque e recentemente acalorados. Estes espaços são muitas vezes circunscritos, mas raramente isolados, pois buscam atrair novas energias e contaminar discursos e modos de produção mais amplos. Eles são repletos de conflitos mutuamente destrutivos, contudo

tendem à modos de solidariedade. São essencialmente contraditórios. Tais contradições podem ser engessadas por instituições (o mundo da arte, a universidade etc.) porém, nos últimos anos, tem sido difícil escapar delas. Seja lá quais forem os declarados propósitos (anti)institucionais do CAPACETE – uma pausa da produção no sentido burguês, um ideal utópico de coletividade, um nodo periférico na rede global de arte – nós que habitamos o espaço em 2016 sentimos nas entranhas, repetidamente, estas contradições. O Modernismo brasileiro cunhou a metáfora da digestão para a compreensão de processos culturais (quicá políticos). Obviamente, cada digestão – de carne, de tacacá, de moqueca – proporciona sensações físicas e reações coletivas diversas.

Os processos metabólicos do CAPACETE começaram nas névoas quentes e úmidas das semanas após o Carnaval. Quaisquer esforços que não fossem feitos de manhã cedo ou ao fim do dia terminariam em derrota. A gente tendia a gravitar na direção do chuveiro ou da geladeira. Naquele ano em particular, o governo lançou uma enorme campanha contra o vírus da zika: informativos com o desenho de um mosquito bêbado e *sprays* de repelente eram aparentemente onipresentes. Uma certa paranoia percorria os corredores do CAPACETE nas ruas Benjamin Constant e do Russel. Frascos de repelentes poderosos trazidos da França, Noruega e Estados Unidos ficavam junto às garrafas de cachaça nas mesas coletivas. Era impensável fechar as janelas, os ventiladores industriais e os mosquiteiros teriam que dar conta. As conversas giravam desde o prático, o amedrontado, até o conspiratório: como identificar os sintomas? Qual é o risco de haver defeitos congênitos em futuras gestações? Seria tudo aquilo uma espécie de embuste biopolítico?

Ao redor de tudo isso, havia a construção atrasada da infraestrutura e das megainstalações para os Jogos Olímpicos, a serem realizados naquele ano, e o desenrolar dos trâmites para o *impeachment* contra a presidenta Dilma Rousseff em Brasília. Em certo domingo de março, uma parte de nós subiu uma pequena trilha pelo Morro do Leme. Passamos através das pequenas e altamente gentrificadas favelas do Chapéu Mangueira e da Babilônia, famosas tanto por suas cores brilhantes no filme de 1959 “Orfeu Negro”, de Marcel Camus, quanto pelos parangolés de Hélio Oiticica, aproximadamente uma década depois. De uma laje de pedra no alto no morro, nós assimilamos a vasta topografia da Zona Sul, sua costa, paisagem urbana, e montanhas: um *tableau* impressionante de curvas ondulantes, rochedos íngremes, arranha-céus, praias e áreas verdejantes. A oeste, em Copacabana,

um fluxo contínuo de camisas verde e amarelo se estendia por toda a avenida à beira-mar. Manifestantes se reuniram para exigir o fim da “corrupção”, definida de forma vaga, e com isso, o *impeachment* de Dilma, a prisão do ex-presidente Lula e, em alguns casos, uma intervenção militar. Dois anos depois, as três últimas demandas se concretizaram. A saída de Dilma foi oficializada em agosto de 2016, e o início de 2018 testemunhou tanto a condenação de Lula a doze anos de prisão, como o controle vigente da segurança do Rio de Janeiro pelas Forças Armadas federais. Os últimos meses viram também o assassinato da vereadora de esquerda Marielle Franco, e o desaparecimento e assassinato de Matheusa Passarelli, uma artista de 21 anos que se identificava como cuir, marcando o agravamento do ataque às epistemes e às subjetividades que contestam o *status-quo* necropolítico.³

As vanguardas do século passado tinham a convicção de que a arte está sempre na fronteira mais avançada da subjetividade radical. Em alguns lugares, isto estabeleceu um embate mais direto com a política do que em outros; por exemplo, o estado cafeeiro de São Paulo, onde o conceito de “antropofagia” foi concebido, se tornou um ambiente certamente mais politicamente conservador do que se poderia esperar. De qualquer forma, a arte parece estar agora irremediavelmente ligada ao Capital: artistas especulam, curadores e curadoras valorizam, museus gentrificam, e bienais colonizam. Me refiro aqui principalmente aos piores culpados, mas há muitos deles. As dinâmicas não são exatamente as mesmas no Norte e no Sul – o primeiro é muito melhor equipado – mas a arte contribui consideravelmente para a crescente presença do Norte no Sul, enquanto grandes regiões do Norte começam a se parecer muito mais com o Sul. Foram-se os dias das narrativas heroicas que acompanhavam as práticas de vanguarda, tanto nos centros como nas periferias. Agora, as coisas se tornaram muito mais táticas: muitas pessoas simplesmente seguem os fluxos de prestígio e especulação, outras buscam invertê-los por meio de crítica, e outras ainda buscam saídas e uma invenção precária de alternativas.

De um modo peculiar, todas estas táticas eram palpáveis no CAPACETE em 2016. Em parte, isto se deveu à sua infraestrutura emaranhada em geopolítica. Conforme planejado, nosso grupo tinha um número igual de representantes do Norte (especialmente do norte da Europa) e do Sul (embora não raro por via de uma educação e de um desenvolvimento profissional europeu). Obviamente, isto acarretava em níveis díspares de apoio financeiro entre participantes, que tinham

vínculos com diferentes entidades provedoras. Isto fez surgir muita tensão, mas também um sentimento nítido de conjunto, por mais carregado que fosse. Enquanto a maioria das instituições vigia limites, o CAPACETE tenta dissecá-los. A produção para o mercado de arte convive com as proposições (não-tão-básicas) de comer, beber, limpar e dormir. Em algum lugar no meio disso ficam as buscas teóricas, sempre rapidamente sugadas numa tríade com a prática e a mera subsistência. *Oikos*, em grego, significa a manutenção da casa. Para uma casa como o CAPACETE, precedentes são escassos. Pensamento e estrutura básica se entrelaçam e ficam sujeitos a renegociações constantes. Às vezes, isto desprende energias coletivas surpreendentes. Em outras, produz um esgotamento extremo.

Me é difícil definir, mesmo alguns anos depois, aquilo que se desdobrou durante o período de nossa residência. Além disso, há uma certa futilidade em escrever um relato em primeira pessoa de uma experiência compartilhada, da qual eu diria que surgiram várias perspectivas díspares. Para mim, no entanto, permitiu uma reorientação, embora não como artista ou curador (não sou nenhum deles) e, sim, como estudante. O elo entre ambição profissional e precariedade material às vezes fez a autodesignação do CAPACETE enquanto “escola” – e não apenas uma residência – difícil de se notar. Ademais, ele se coloca bem longe do universo acadêmico, fortemente restrito por regulamentações de pedagogias, estruturas e requerimentos. O corpo docente do CAPACETE, parte do qual leciona em instituições de peso, não é reconhecido como tal, e sim como pessoas convidadas, interlocutoras ao redor da mesa. Talvez o mais estranho em relação a formatos tradicionais seja o fato de que o estudo não seja uma busca solitária, e a pesquisa raramente tenha um objeto definido. Este *télos* particular (ou a falta de) tem muito a contribuir para a universidade, que às vezes parece decadente em meio à sua largueza material e/ou burocrática. Em contraste, o CAPACETE oferece a nós participantes um espaço para o cultivo de um *éthos*, mais do que um produto vendável ou projeto de pesquisa. É uma licença rara neste mundo repleto de lógica instrumental, apesar de nem sempre ser fácil aceitá-la.

O mundo além das abstrações e formas da arte contemporânea é de fato bastante aterrador; e uma cidade como o Rio evidencia isso de modo gritante. De fato, passado o portão de metal do CAPACETE afora, encontramos incontáveis cenas de esgotamento, não apenas dos projetos de modernidade, mas das lógicas de privatização. A noção

de uma modernidade “incompleta” ou “fracassada” faz parte do discurso comum em discussões sobre o Brasil e América Latina, com a decadência de marcos arquitetônicos emblemáticos como o Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro ou o conjunto habitacional Pedregulho. Mais urgente, e menos claramente visível, é a destruição causada pela lógica neoliberal na estrutura da vida diária.

Rio, uma cidade mantida por uma certa aura de *glamour* tropical em meio a fortunas decadentes desde a transferência da capital para Brasília em 1960, contou fortemente com a extração de petróleo nos últimos anos, e com a expectativa dos megaeventos, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos. No que diz respeito a influências especulativas, o colapso vertiginoso desta mistura foi radical. Em 2016, o governo estadual já estava literalmente sem combustível, e se recusou a pagar os salários de professoras e professores. A Universidade Estadual do Rio de Janeiro, assim como dezenas de escolas do Ensino Médio, foi temporariamente fechada. Sob tais circunstâncias, a noção de educação exige uma análise profunda. Já não é defensável, se é que já tenha sido, ver a mente como uma abstração autodeterminada, separada de uma “exterioridade”, para usar um termo de Denise Ferreira da Silva. Fora do universo fiscalizado da autodeterminação, o “objeto” a ser estudado se mistura à confusão e à brutalidade do mundo.

Há uma recusa crescente em se deixar governar por tais divisões. Em vez de permanecerem ociosas diante das medidas do Estado, várias escolas do Rio foram ocupadas por estudantes, inclusive a escola do morro acima do CAPACETE, em Santa Teresa. Quando uma boa parte de nós foi conhecer a ocupação de estudantes, o que encontramos foi nada menos que um despertar radical. Não digo isso para romantizar condições materiais adversas, mas para apontar para a germinação de novas formas de consciência em meio ao cataclismo do abandono estatal. Ao ocuparem a escola, alunas e alunos descobriram salas cheias de livros, suprimentos e computadores aos quais o acesso havia sido negado por uma administração negligente. Elas⁴ dialogaram com professoras e professores para entender suas demandas. Em coordenação com suas famílias, juntaram alimentos e organizaram uma cozinha. Banheiros foram considerados de gênero neutro, boa parte das estudantes na ocupação eram de gênero cuir, e o machismo era um assunto frequente nas discussões. As estudantes não se confrontaram apenas com sua dinâmica interna. Por necessidade, elas também montaram guarda contra a violência policial: alguém devia sempre

monitorar a entrada para o pátio. Sem confundir escola secundária com a nossa do CAPACETE, eu sugeriria que, em ambos os casos, a noção de estudo ficou sujeita a novos significados, sob a instabilidade do conjunto de condições sociais e materiais.

A palavra “ocupação” esteve bastante no ar durante todo o ano do golpe legislativo e midiático contra o governo Dilma. Assim como as ocupações nas escolas, a ocupação de artistas no Palácio Capanema – a cadavérica sede do Ministério da Cultura – apontava fortemente ao vácuo criado pela deterioração das entidades públicas. Não apenas espaços propriamente públicos foram sujeitos a ocupações. Um grupo de mulheres trans ocupou a Casa Nuvem, um espaço bem parecido com o CAPACETE, para formar a Casa Nem, que rapidamente se tornou um ponto de encontro para uma vasta gama da comunidade cuir carioca. No entanto, a criação da Casa Nem foi considerada hostil por um setor da comunidade artística que frequentava o espaço anteriormente. Mesmo que não fosse sempre perceptível no CAPACETE, já que as pessoas lá residentes são bem intrusas no cenário carioca, o golpe de 2016 foi carregado não apenas de um conflito imenso entre a direita e a esquerda, mas também por uma miríade de tipos de fraturas e de (re)combinações no interior de grupos políticos.

Ocupação é, claramente, uma tendência de longa data na vida pública brasileira e latino-americana, desde a emergência generalizada das favelas nos anos 1960 e 1970, até o Movimento dos Sem-Terra e as tantas ocupações realizadas em edifícios abandonados nos centros das cidades, muitas das quais desenvolvem por conta própria infraestruturas impressionantes. Frequentemente elas criam espaços a partir da ausência ou do abandono do governo, e às vezes criam bolsões de resistência à lógica do mercado, mas são também sujeitas a violentas reivindicações, tanto do governo como do mercado. Tal violência inspira a expansão de latifúndios, o despejo à força das ocupações urbanas, e também a invasão militar de favelas. Como diz Denise Ferreira da Silva, as segmentações territoriais do Rio permitem que o Estado abra mão de uma pretensa legalidade e conquiste seus objetivos com, literalmente, um “significante de morte”. As pessoas exterminadas são quase sempre negras. A mente, ou a “razão”, Denise nos mostra, está intimamente relacionada com a dominação e dispensabilidade de tudo que habita o exterior. A criação deste exterior, de acordo com Carl Schmitt, é consagrada por séculos de apropriação de terras, e persiste hoje em um nível ainda mais molecular.⁵

O mundo da arte contemporânea ocupa uma posição inquietante em meio às formas de assalto (ao domínio público, a espaços para além da captura), atualmente em seus apogeu. Conscientemente ou não, muitas vezes ele funciona tanto como um paradigma quanto como um coconspirador no projeto de desregulamentação do mercado. A liquidez e a flexibilidade promovidas por residências artísticas são essenciais aqui, no plano ideológico e quiçá no material também. A “emancipação” de certas pessoas (quase sempre brancas e privilegiadas) das exigências das fronteiras, de contratos de trabalho etc., é espelhada pelo arrocho das fronteiras e dos mecanismos de controle em níveis locais, nacionais e planetários. Em uma cidade onde a brutalidade sistêmica age ao extremo, as liberdades que uma residência artística usufrui podem ser às vezes difíceis de engolir. Confrontadas ou evitadas no decorrer de nosso ano – e eu diria que nós oscilamos enquanto grupo – as contradições não podiam ser simplesmente cuspidas ou transpiradas. Elas formavam o alicerce de nosso tortuoso programa de estudo.

Tal foi nosso dilema. É difícil para mim negar a sorte que é perspirar (e é claro, conspirar) em comum ao invés de sozinho, apesar do variado leque de fragrâncias. Quanto à subsistência, a digestão dependia tanto de farofa como de fofoca, aqui entendida como as numerosas formas de comunicação que acompanham a vida em comum. O CAPACETE pulsa menos em produtividade no sentido tradicional do que em modos de encontro – práticos, conflituosos, sexuais e intelectuais – frequentemente atravancados por instituições. A pesquisa realizada ali é certamente informada por hábitos mentais, ainda que cada participante chegue com formações e paradigmas distintos, flexionados de diversas maneiras pelo que Sueli Rolnik chama de “inconsciente colonial”. Pesquisa essa que também se dá crucialmente nas tripas, nos nervos, na carne, nas veias, e na sincronia destes apêndices entre organismos. Ela atravessa raiva e euforia, confusão e lucidez, desgosto e delícia. Estas são nossas ferramentas, junto ao conhecimento de nossos antepassados, nesta estranha e sinistra conjuntura na qual se descortina o suposto brilhantismo da modernidade.

Notas

1. Colectivo Situaciones, "On the Researcher-Militant", in: *Transversal*, Sept. 2003. <<http://eipcp.net/transversal/0406/colectivosituaciones/en>> Acesso em 22 de agosto de 2018.
2. Ferreira da Silva, Denise, "No-Bodies: Law, Raciality, and Violence", in: *Meritum*, vol. 9, n.º. 1, 2014. p. 123. N.T. versão em português em: Ferreira da Silva, Denise, "Ninguém: direito, racialidade e violência", in: *Meritum*, vol. 9, n.º. 1, 2014. p. 72. <<http://fumec.br/revistas/meritum/article/view/2492/1482>> Acesso em 22 de agosto de 2018.
3. A ideia de que o ativismo de Marielle Franco constituiu uma nova episteme para o confronto da militarização no Rio tem origem nos comentários feitos por Paul Amar na conferência "Epistemologies of Militarization", Duke University, Durham, Carolina do Norte, abril de 2018.
4. N.T. Uma vez que não há especificação de gênero no original em inglês, a tradução prefere não masculinizar um conjunto heterogêneo de pessoas. Nos casos em que uma opção de gênero neutro não for encontrada, a tradução aqui optará pelo gênero feminino.
5. Ferreira da Silva, Denise, "No-Bodies: Law, Raciality, and Violence", in: *Meritum*, vol. 9, n.º. 1, 2014. pp. 119-162. N.T. versão em português em: Ferreira da Silva, Denise, "Ninguém: direito, racialidade e violência", in: *Meritum*, vol. 9, n.º. 1, 2014. pp. 67-117.

